

## NARRATIVAS SOBRE O NEGRO NA TELENVELA BRASILEIRA: ENTRE O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL E A IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO

Maureci Moreira de Almeida<sup>1</sup>  
Paulo Alberto dos Santos Vieira<sup>2</sup>

### Resumo:

O foco deste artigo é suscitar reflexões acerca de concepções racistas relacionando-as com a questão de como as telenovelas fazem operar e difundir o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento. Para a elaboração do presente texto, a metodologia utilizada consistiu, inicialmente, na seleção de obras e artigos que abordassem a temática racial relacionada com as telenovelas brasileiras. Nessa seleção procuramos explorar os estudos dos seguintes autores: Joel Zito Araújo, Antonio Sergio Alfredo Guimarães e Andrea Hofbauer. Apesar destes dois últimos não tratar diretamente das telenovelas, trazem uma significativa contribuição no aprofundamento e nas noções de mito da democracia racial e da ideologia do branqueamento. O texto busca assinalar que estas duas concepções procuram disfarçar, silenciar e esconder as tensões das relações raciais no Brasil, cujas telenovelas acabam assimilando parte desse processo, ao negar a presença de atores e atrizes negras de forma mais protagonista em seus enredos.

**Palavras-chave:** Mito da Democracia Racial; Ideologia do Branqueamento; Telenovelas; Relações Raciais.

### Resumen:

El objetivo de este artículo es plantear reflexiones acerca de las concepciones racistas relativos a la cuestión de cómo las telenovelas operan y difunden el mito de la democracia racial y la ideología del blanqueamiento. Para la preparación de este texto, la metodología consistió inicialmente en la selección de libros y artículos que abordan el problema de la raza en relación con las telenovelas brasileñas. En esta selección se busca explorar los estudios de los siguientes autores: Joel Zito Araujo, Antonio Sergio Alfredo Guimarães y Andrea Hofbauer. A pesar de que los dos últimos no trata directamente de las telenovelas, hacen una contribución significativa en la profundización y el mito de nociones de democracia racial y la ideología del blanqueamiento. El texto busca señalar que estos dos conceptos tratan de ocultar, el silencio y ocultar las tensiones de las relaciones raciales en Brasil, cuyas telenovelas terminan asimilando parte de este proceso, para negar la presencia de los actores y actrices como protagonistas negros.

**Palabras clave:** Mito de la democracia racial; ideología del blanqueamiento; telenovelas; Relaciones raciales.

<sup>1</sup> Mestre em Estudo de Cultura Contemporânea – ECCO/UFMT. Especialista em Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira pelo NEPRE/UFMT, e Bacharel e Licenciado em filosofia pela UFMT. Professor de Filosofia da rede Estadual de Educação, lotado no CEFAPRO/SEDUC-MT. Endereço eletrônico: [maurecialmeida@hotmail.com](mailto:maurecialmeida@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso. Coordenador do NEGRA – Núcleo de Estudos sobre Educação, Gênero, Raça e Alteridade. Líder do GRAFITE – Grupo de Pesquisa sobre Ação Afirmativa e Temas da Educação Básica e Superior. Integrante do OBEDUC – Observatório da Educação UERJ/CAPES. Endereço eletrônico: [vieirapas@yahoo.com.br](mailto:vieirapas@yahoo.com.br). Texto apresentado no IX Seminário de Ensino de História: ensino de História da África e cultura afro-brasileira nas escolas e II Encontro Estadual de Ensino de História, do Curso de História da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Setembro de 2015.

## Introdução

Entre os diversos mitos que compõem o imaginário das relações sociais na sociedade brasileira, está o da democracia racial, alimentado ao longo da história das relações raciais no Brasil. Na outra ponta desse imaginário, está a ideologia do branqueamento<sup>3</sup>, tão entranhada no comportamento da maioria das pessoas, que acaba sendo transparente, mas impõe um padrão estético de beleza e *dignidade moral* quase que indiscutíveis, referenciando positivamente o segmento não negro. Tendo como escopo estes apontamentos, o esforço deste artigo é suscitar reflexões acerca dessas concepções racistas relacionando-as com a questão de como as telenovelas fazem operar e difundir este mito e ideário.

Para a construção deste texto, a metodologia utilizada consistiu, inicialmente, na seleção de obras e artigos que abordassem a temática racial relacionada com as telenovelas brasileiras. Nessa seleção procuramos explorar os estudos dos seguintes autores: Joel Zito Araújo, Antonio Sergio Alfredo Guimarães e Andrea Hofbauer. Apesar destes dois últimos não tratar diretamente das telenovelas, trazem uma significativa contribuição para nós aprofundarmos as noções do mito da democracia racial e da ideologia do branqueamento. No campo dos estudos das relações raciais estes autores têm profundo conhecimento e pesquisas relevantes produzidas acerca da temática.

## O mito da democracia racial: o factual e a narrativa imaginária

Ao longo da história do Brasil, o mito da democracia racial funcionou como uma estratégia usada pela elite dominante, para afirmar que no Brasil não havia problemas raciais. Se for analisado à ideia de mito, sobretudo na perspectiva da Grécia antiga, verificar-se-á que está ligado à questão da denominação, da narrativa da origem das coisas, da fixação e explicação da realidade e, também, serviria como mecanismo de manutenção dos privilégios por parte da elite dominante nesse período histórico. Para Adorno e Horkheimer, por exemplo, o mito auxilia na elaboração de relatos e a designação de origem de um povo, mas também contribuem para a fixidez e para a explicação. Deste ponto de vista, advogam os filósofos mencionados que determinada coleção de mitos afasta-se do relato para consolidar-se como doutrina (HORKHEIMER e ADORNO, 1985: p. 23).

Seguindo as pistas lançadas pelos filósofos alemães Chauí assevera que o mito deve ser tomado para além de seu sentido epistemológico, ou seja, de narração pública de realizações lendárias de uma certa comunidade; deve também ter seu sentido antropológico destacado, isto é, a elaboração de uma narrativa que molda e modula soluções imaginárias para tensões, conflitos e contradições que têm distintos graus de dificuldades para serem equacionados na realidade social. No sentido antropológico, o mito, portanto, ganha relevo na medida em que contribui para a consolidação das estruturas sociais, políticas econômicas e culturais responsáveis por vínculos duradouros no âmbito da comunidade (CHAUÍ, 2000: p. 9).

<sup>3</sup> Teoria racista que surgiu no Brasil no final do século XIX e início de século XX, e que teve grande repercussão entre os políticos, cientistas e intelectuais desses períodos.

Talvez seja nesse sentido, o mito da democracia racial se constituiu em uma narrativa, para explicar as relações raciais no Brasil. Sua estrutura está fundamentada a partir da ideia que consolidou os mitos fundadores do Brasil. Diante disso, há que se fazer uma indagação básica, e que merece esclarecimento: o que é este mito fundador? Segundo Chauí, um mito fundador é um artifício que não se esgota de encontrar diferentes meios para se manifestar, usando como estratégias novas ideias, linguagens e valores morais, e que ao buscar querer se mostrar outra coisa, acaba tornando-se uma repetição de si mesmo (CHAUI, 2000: p. 9).

De acordo com a própria autora, “um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quando mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo” (CHAUI, 2000, p. 9).

Alicerçados nestas noções, apontamos que a televisão e as telenovelas, seriam uma das novas formas, com um repertório incipiente de representação do real, que difundem um dos principais mitos fundadores da sociedade brasileira: a tão proclamada democracia racial.

No caso do mito fundador, Chauí (2000: p. 10) ainda complementa que, inicialmente, tem em seu conjunto de representações da realidade histórica elementos que o reorganiza hierarquicamente, estabelecendo, por exemplo, qual elemento interno comandará os outros. Considera-se também o fato da ampliação de seu sentido, em que agregará novos elementos ao seu significado primitivo. A autora, destaca que, assim ocorre com as ideologias, que estão no movimento histórico da formação, atualizando as representações que foram produzidas na fundação de uma sociedade. Por isso que o mito pode ser renovado constantemente.

Assim, o mito da democracia racial, um dos mitos fundadores da nação brasileira, ganhou um novo aliado na propagação da sua crença: as telenovelas. Nelas, a sociedade brasileira é representada como quase totalmente isenta de conflitos raciais. Algumas novelas até discutem e retrataram essa questão, mas de forma fragmentada e carregada de ideologia. Isso ocorre justamente por força do mito da democracia racial, que ganha reforço por meio dos produtores advindos da teledramaturgia.

A construção desse mito (para que se possa compreender melhor esta questão) tem atualmente no debate acadêmico dos especialistas no assunto, conforme explana o antropólogo Andreas Hofbauer (2011: p. 11), duas concepções de sua origem: a primeira entende que a democracia racial está em um campo de ideário social dos brasileiros fundamental, pois como um mito teria a capacidade de unificar e mobilizar as pessoas em um sentido mais nobre de relações sociais. Por isso alguns estudiosos das questões raciais apontam que não deveria ser descartado.

Já a segunda concepção é uma crítica veemente de muitos estudiosos e intelectuais a ideia de uma democracia racial. Destacam que isso apenas dificulta identificar e reconhecer o racismo na sociedade. Retardando assim as transformações necessárias na estrutura das relações sociais (HOFBAUER, 2011: p. 1).

Dessa forma, essas duas concepções pensam a questão do racismo de maneiras distintas: uma de modo conservador, e a outra de modo crítico, ao analisar que esta ideia e a ideologia da democracia racial podem impedir avanços estruturais para que haja mudanças nas relações raciais no Brasil.

Assim, as telenovelas estariam vinculadas a maneira conservadora de perceber, pensar e retratar o racismo brasileiro; dificultando a compreensão da ideia de “raça”, de etnia e de classe social.

Pois então, o que é “raça”? O que é etnia? E o que é classe social? Estas também são questões que surgem no debate sobre o racismo e a problemática do mito da democracia racial no Brasil.

Nesse caso, gostaríamos de determo-nos nestas questões e procurar respondê-las, para que se possa perceber a extensão da complexidade do mito da democracia racial e sua relação com as telenovelas.

Começemos pelo conceito de “raça”, que é um dos mais controversos na discussão racial atualmente.

Desse modo, “raça” é uma palavra que, segundo o sociólogo Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2003: p. 95), se configura em um sentido postulado pela biologia genética, e em um sentido pleiteado pela sociologia.

Ainda de acordo com o autor, tanto a biologia quanto a antropologia física formularam a noção de “raças” humanas. Concebendo que poderiam agrupa-las em subespécies, como ocorrem na classificação dos animais. Essa forma de organização indicaria a diferença do aperfeiçoamento dos valores morais, qualidades psíquicas e intelectuais dos diversos grupos humanos (GUIMARÃES, 2003: p. 96).

Tal concepção durante algum tempo foi compreendida como ciência, contudo, não demorou muito para ser considerada uma pseudociência, pois o que se convencionou chamar racismo não existiria sem a ideia que organiza e divide a humanidade “em raças, em subespécies, cada qual com suas qualidades” (GUIMARÃES, 2003: p. 96). Sendo assim, o termo “raça” somente faz sentido nos discursos de origem, pois são justamente neles que as identidades sociais são constituídas. Nesse caso, certos discursos exprimem as essências relacionadas com as características fisionômicas, morais e intelectuais, em que a ideia de “raça” atua. De acordo com isso, por exemplo, é que para a sociologia “raças” são discursos em que narram a origem dos grupos humanos, utilizando termos que dizem respeito à transferência dos aspectos fisionômico, psicológicos, morais, culturais, diretamente pelos genes. Isso auxilia a compreender o termo “raças” apenas como marcadores ficcionais das diferenças fenotípicas dos povos (GUIMARÃES, 2003: p. 96). Desse modo, dizem respeito tão somente a uma categoria analítica, contribuindo para fazer a distinção entre pessoas levando em conta sua aparência.

Por outro lado, esse ponto é fundamental, o termo “raça” não pode ser atribuído, de modo direto, a diferenças biológicas, pois em se tratando da espécie humana, não há, na perspectiva biológica, uma distinção entre os indivíduos. Com efeito, o conceito de “raça” se refere estritamente mais a uma categoria analítica, em que apenas faz sentido em uma ideologia ou classificação racistas. Seu uso na narrativa científica se aplica tão somente na ação, mesmo que

provisória, do pesquisador ao buscar compreender algumas ações subjetivas que orientam certas práticas sociais. (GUIMARÃES, 1999: p.30-31).

As pesquisadoras da temática racial Jesus e Castro (2010: p, 12), salientam que o conceito de “raça” deixou de ser científico na esfera da Biologia já no final do século XX. Os estudos no campo da Genética determinaram os equívocos da compreensão da diversidade humanas a partir da ideia de “raças”.

Nesse caso, falar em “raças” humanas, do ponto de vista biológico, constitui um erro que, infelizmente, o senso comum acaba assimilando e reproduzindo, muitas vezes influenciado pelos meios de comunicação de massa, sobretudo pela televisão.

Assim, o conceito de “raça”, durante algum tempo, passou a estar ligado à ideia de etnia. Esta última diz respeito à noção de origem e cultura (GUIMARÃES, 2003: p. 97). Jesus e Castro (2010: p. 15-16), ratificam esta noção ao conceberem que etnia diz respeito ao conjunto de aspectos culturais, históricos, mitológicos de um povo. Em que partilham um ancestral comum, falam uma mesma língua, professam da mesma crença religiosa, e tem uma visão de mundo aceita como verdade, praticada entre seus membros.

As autoras, não acreditam que a mera substituição do termo “raça” por etnia iria diminuir o racismo que é praticado no Brasil. Sendo que a maioria dos intelectuais e pesquisadores que discute a questão do racismo continua empregando o termo “raça” em suas pesquisas e trabalhos científicos.

Nessa mesma trilha, poderíamos falar brevemente a respeito da noção de classe social. No entanto, não vamos ater-nos muito na conceituação de classe social, que não vem ao caso neste texto, mas procurar apenas ressaltar, a título de crítica, que o racismo que se pratica no Brasil, muitas vezes quer ser confundido com preconceito de classe. As telenovelas incorporam isso de modo equivocado em seus enredos.

Seguindo nessa esteira, Jesus e Castro (2010: p. 18) reconhecem que uma parte significativa dos brasileiros percebem a discriminação racial, de “raça” e de cor, como se fosse discriminação de classe social, acreditando que é mais uma questão de ordem econômica do que propriamente racial.

Mas a população negra é que sofre a maior desigualdade social. E por que é assim? De acordo com as autoras, a população negra é vítima de diversas discriminações, impedindo que avancem na mobilidade social, sucesso individual e autoestima. O preconceito racial faz com que não haja progresso e ascensão econômica para essa população que está na base da pirâmide da escala social. Pois, em uma sociedade racista (como era e como continua sendo a sociedade brasileira), o termo “raça” é importante para a atribuição de sentido a toda vida que se organizava socialmente, destinando as pessoas posições sociais bem definidas.

Guimarães (2003: p. 99) argumenta que Max Weber<sup>4</sup> diferenciou as classes sociais, das castas. As primeiras são abertas, em que de certa forma ocorre a mobilidade dos indivíduos. Já as últimas não permitem a mobilidade social, são fechadas. Parte dos estudos sociológicos da sociedade brasileira afirmam que o Brasil no período colonial vivia em um regime de castas.

<sup>4</sup> Sociólogo alemão do século XX.

Ainda de acordo com autor, a relação racial no Brasil, principalmente no período colonial era fechada no aspecto da cor. Isso marcava e dividia a relação do negro e do branco, em comportamentos sociais orientados a partir de uma ideia de raça, cultura, civilização e religião, atributos supostamente superiores dos colonizadores. Essa relação é percebida como uma divisão de classes sociais pelas pessoas comuns.

É importante considerar e compreender bem estas terminologias para evitar a manutenção das ideias que acabam alimentando as concepções falsas em torno do racismo.

Assim, para avançamos em nossas argumentações e para partirmos para outro ponto em nossas reflexões, não apenas o mito da democracia racial, mas também o ideário do branqueamento vem inviabilizando ainda mais as interações sociais. Provocando a exclusão e desencadeando principalmente a invisibilidade e o silenciamento da identidade negra. Isso repercuti em diversos discursos, especialmente os embutidos na televisão, que, por intermédio da novela diária, apagam e mascaram de modo acentuado a cultura negra da cultura geral brasileira, na qual, esta última, valoriza abertamente a cultura e a aparência dos descendentes europeus.

### **Televisão, telenovelas e a ideologia do branqueamento: uma única narrativa**

A televisão e as telenovelas, ao valorizar a aparência e a cultura branca (como sendo a única detentora da verdade, da beleza e da perfeição), quando aborda a questão racial no Brasil, trata de maneira muito rasa os conceitos de “raça”, etnia e classe social, que ainda são carregados por uma carga semântica profundamente ideológica.

Nesta perspectiva, o cineasta e estudioso da questão racial Joel Zito Araújo (2004: p. 229) argumenta que a telenovela brasileira, apesar de representar também as diversas classes sociais existente no contexto nacional, desde seu início, sempre deu mais ênfase às histórias da classe média branca como sendo a mais importante e com narrativas supostamente mais empolgantes. Ficando, desse modo, destinado ao ator e a atriz negros participar da trama novelística sempre pela ótica do segmento branco e rico da população. Os valores atribuídos aos personagens negros nas novelas derivaram das crenças da classe média da Zona Sul do Rio de Janeiro. As interpretações de empregadas doméstica, de porteiro, de guarda-costas negros foram incorporados à participação coadjuvante dos mocinhos e mocinhas brancos pertencentes a classe média Zona Sul, naturalizando as visões de submissão e exploração da população negra.

A maioria das telenovelas, principalmente as exibidas pela Rede Globo, como é descrito por Araújo (2004), sempre mostra o negro em situação de submissão e de inferioridade. Assim, entre tantas analisadas por Araújo (2004) em sua obra *A Negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*, há três novelas que gostaríamos de tomar como exemplo, a partir da crítica do autor, para evidenciar como os produtores dessas telenovelas representam o negro brasileiro e a fragmentação dos conceitos de “raça”, etnia e classe social.

Focalizamos, desse modo, as novelas *Felicidade* (1991), *Pátria minha* (1994) e *A próxima vítima* (1995), que no presente texto não iremos detalhar e aprofundar muito sobre seus enredos, mas procurar analisar, a partir de um recorte racial mais específico, o conjunto das três novelas ao abordar a questão do negro, do racismo e a repercussão do

discurso racial inseridos em suas tramas, fundamentado por meio do estudo, da análise e dos argumentos de Araújo (2004).

Começamos então por *Felicidade*, produzida nos anos 1991, exibida no horário das 18 horas, e escrita por Manoel Carlos. Na novela, este autor procurou demonstrar as coisas corriqueiras do cotidiano, como o casamento, o nascimento, a morte, as alegrias, as tristezas, coisas que fazem parte da existência das pessoas e que buscam encontrar a tão almejada felicidade. A novela trouxe uma das melhores caracterizações, segundo Araújo (2004: p. 261), da família negra já vista na televisão brasileira.

Apesar de apontar favoravelmente para a quantidade de negros na telenovela *Felicidade*, o autor constata que, por mais que houvesse um núcleo de negros na trama<sup>5</sup>, a ausência da discussão racial e a fragmentação das personagens negras continuavam sendo muito perceptíveis. Por exemplo, os preconceitos raciais, bem como os sociais, são encarnados na novela por uma personagem que se configura como uma vilã da trama, Sheila<sup>6</sup> (ARAÚJO, 2004: p.261).

Na realidade, o autor enfatiza o fato de que todo preconceito e discriminação racial quanto aparece na trama novelística surgem como uma característica do vilão. Nesse caso, parece-nos que, se o vilão é a personificação do mal, cabe a ele catalisar e retratar o racista, como se o racismo fosse coisa de pessoas exclusivamente más.

Na novela *Felicidade*, as personagens negras estão inseridas no cotidiano da vida comum, mas elas pertencem a uma dada classe social e que, de certa maneira, esboçam orgulho do pertencimento racial. Mesmo assim, continuam sendo atingidas pelo estereótipo e a mentalidade racista de que os negros somente podem pertencer a classes intermediárias. E quando algum negro ascende socialmente, os meios pelos quais obteve sucesso, são postos em dúvidas, como se sua ascensão social não fosse permitida por não ser capaz de tal feito por conta de sua condição racial.

Em telenovelas como *Felicidade*, bem como em outras tantas, se o negro obteve mobilidade social, melhorou suas condições de vida, foi devido a alguma coisa que ocorreu em seu passado, ou foi ajudado (recebeu caridade de alguém, geralmente branco), ou cometeu algum ato menos nobre para alcançar tal posição social (ARAÚJO, 2004: p. 264).

Assim, em *Felicidade*, Manoel Carlos procurou retratar a vida simples e comum das pessoas (ARAÚJO, 2004: p.265-268). No entanto, silenciou o drama do preconceito racial que o Brasil sempre enfrentou, ao justificar o racismo como característica de pessoas más, e também ao mostrar a ascensão social do negro como algo sempre carregado de desconfiança e acompanhado da pergunta: “como ele conseguiu isso?” Esta pergunta, proferida pelo racista, reflete um dos aspectos do racismo brasileiro, que desconsidera a ascensão pelo esforço e inteligência do negro, ao acreditar preconceituosamente na falta de capacidade dos afro-brasileiros para avançar tanto social quanto intelectualmente. Isso também, de modo geral, ocorreu na novela *Pátria minha* de 1994, que, de acordo com Araújo (2004: p. 269), foi o derradeiro melodrama do autor Gilberto Braga que abordava a problemática da corrupção brasileira.

<sup>5</sup> Os atores negros não passavam de mais de 25% do total dos atores (ARAÚJO, 2004: 261).

<sup>6</sup> Representada pela atriz Cristina Prochaska.

Segundo o autor, no começo da exibição de *Pátria minha* o elenco de atores negros não esperava que no desenrolar da trama o problema da questão racial fosse tomar proporções inesperadas, e “[...] pela primeira vez na história da telenovela, um caso de confronto aberto entre liderança política negra brasileira e os produtores e autores de uma ficção seriada” (ARAÚJO, 2004: p. 269).

Nessa mesma novela, o autor Gilberto Braga, polemizou ao destacar a relação de preconceito racial entre o jardineiro Kennedy<sup>7</sup> e o empresário mau-caráter Raul Pelegrini<sup>8</sup>. Pois, na trama, o rico empresário acusa o jardineiro de ter roubado alguns documentos e joias do seu cofre. O personagem negro é bombardeado por acusações e injúrias que o personagem branco lança sobre ele. Logo após os improperios, Kennedy foge sem esboçar reação de defesa (ARAÚJO, 2004: p.272).

Por meio dessa polêmica, as lideranças negras da época exigiram que houvesse uma retratação por parte dos produtores da novela (ARAÚJO, 2004: p.272). Inicialmente, os produtores da novela negaram em fazer uma retratação. Mas acabaram, por pressão da militância negra, exibindo uma cena em que o advogado Osmar<sup>9</sup> afirmava para o jardineiro Kennedy que o Brasil possuía uma lei antirracismo, a Afonso Arinos. Mesmo assim, conforme Araújo, três entidades negra<sup>10</sup> manifestaram publicamente, alegando que a emissora de televisão havia prestado uma informação errada no capítulo que foi ao ar, em que o advogado explicava ao empregado vítima de racismo que o país tinha uma lei antirracismo, que se chamava Afonso Arinos. A entidades negras fez saber que esta lei não existia mais, “[...] pois fora revogada e substituída, na constituição de 1988, pela proposta do deputado negro Caó, a Lei 7.716, que previa penas mais severas contra o racismo, tornando-o um crime inafiançável” (ARAÚJO, 2004: p. 274).

Sobre isso a Rede Globo de Televisão retrocedeu e exibiu em um dos capítulos da novela, uma cena protagonizada pela Chica Xavier, que interpretava Zilá, madrinha de Kennedy em que condenava as práticas racistas, ao passo que realçava o orgulho de ser uma mulher negra (ARAÚJO, 2004: p. 274).

Após o incidente racial ocorrido na trama da novela *Pátria Minha*, o gênero telenovela, considerado sempre uma obra aberta às pressões de sua audiência e que se faz no percurso de suas exibições, começou a incorporar, [...] a ação militante das organizações políticas que começam a dar visibilidade, na ficção, a um sentimento crescente na população negra: o desejo de ver valorizado o seu processo de autoestima e de conscientização racial (ARAÚJO, 2004, p. 275).

Outra telenovela que viabilizou (embora, diga-se de passagem, de forma parcial) a discussão racial foi *A próxima vítima* de 1995. Ela mostrou em primeira mão uma família, os Noronha, constituída por negros. Segundo Araújo (2004, p. 302), o autor da novela, Sílvio de Abreu, estruturou os Noronha a partir de concepções da família tradicional brasileira alicerçada em valores típicos dos anos 1960 e 1970. Eles buscavam a ascensão

<sup>7</sup> Representado pelo ator Alexandre Moreno.

<sup>8</sup> Protagonizado por Tarcísio Meira

<sup>9</sup> Interpretado por Nuno Leal Maia.

<sup>10</sup> “O Núcleo de Consciência Negra da USP-SP, a Pastoral do Negro que atua em Santa Bárbara d’Oeste (SP) e o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras do Rio de Janeiro” (ARAÚJO, 2004: p. 274).

econômica e social de modo ético, e também eram solidários e tinham uma coesão em seu núcleo familiar muito forte. Porém, Araújo (2004) assevera que eles, enquanto família, eram demasiadamente comuns. Pois, reafirmavam valores da classe média branca e não demonstravam terem problemas raciais.

De acordo com autor, no material de apresentação o autor da novela dizia que o grande problema no Brasil é o preconceito social, e que há preconceito racial sim, mas este é disfarçado. Pode-se perceber que o autor da telenovela retrata esta família de maneira tão corriqueira e comum que poderia “[...] ser interpretada também por atores brancos, japoneses, árabes, etc.” (ARAÚJO, 2004: p. 286). Nessa perspectiva, o autor reitera ao questionar: “será que ser de classe média é uma experiência exatamente igual para todos, independentemente da origem e pertencimento racial?” (ARAÚJO, 2004: p. 286). As relações raciais no Brasil demonstram que não. O indivíduo negro pode até ser bem situado social e economicamente, mas ele sofrerá o assédio do processo do branqueamento. No caso dos Noronha estão branqueados por não apresentarem problemas raciais, vivendo suas relações sociais como se fossem brancos.

Parte da família Noronha demonstrou preconceito contra o fotógrafo e namorado de Patrícia<sup>11</sup> em grande parte da novela, de modo invertido, sendo que, o autor dessa telenovela quis destacar ideologicamente que o preconceito racial também pode ser coisa de negros.

Esta tentativa de inversão do preconceito racial em *A próxima vítima* evidencia o mito da democracia racial e também do branqueamento em detrimento da população negra. Ensejando assim, valores, desejos e ideias eurocêntricos tão característicos da elite brasileira. Isso repercute no imaginário da sociedade com grande intensidade, influenciando especialmente os telespectadores dessas novelas que detêm esse tipo de estruturação.

As três telenovelas que destacamos para analisar<sup>12</sup>, *Felicidade* (1991), *Pátria minha* (1994) e *A próxima vítima* (1995), ao apresentarem questões raciais, são parciais ao revelarem o preconceito racial que ainda permeia a mentalidade das pessoas que as produziram. Ainda assim, de modo geral, as telenovelas brasileiras começam a valorizar papéis protagonizados por negros. Segundo Araújo “[...] o tabu brasileiro que faz do racismo um problema do vilão fora do circuito familiar e das relações de amor, amizade e parentesco parece ter começado a cair” (ARAÚJO, 2004: p. 302).

Há sinais evidentes de que ocorreram alguns avanços em relação a presença mais constante e à atuação em papéis relevantes de atores negros nas novelas diárias. Entretanto, elas continuam representando e inserindo os personagens negros como se fossem minoria na sociedade brasileira. Por exemplo, em *Amor eterno amor* (2012), novela exibida no horário das 18 horas, entre as 61 personagens efetivas na trama, apenas três eram negras. Na telenovela *Avenida Brasil* (2012), exibida às 20 horas também o número de atores negros se repete tal e qual na novela das 18 horas. Somente três personagens negras fazem parte de seu elenco, reproduzindo os mesmos clichês: papéis sobrecarregados de estereótipos. Por exemplo, no caso do ator negro Ailton Graça que interpreta na novela *Avenida Brasil* Silas,

<sup>11</sup> Vivida pela atriz Camila Pitanga.

<sup>12</sup> Ainda que de modo recortado e resumido, pois a intenção não era fazer uma explanação mais delongada de suas tramas.

um homem malandro e indolente que quer a todo momento se dar bem sem esforço. Outra personagem carregada de estereótipo é a do ator André Luiz Miranda, Valentim, garçom do bar do Silas, em que encarna o negro submisso e amigo fiel. No entanto, no enredo dessa novela, a personagem mais emblemática, até porque ganhou um destaque muito negativo, é a empregada doméstica Zezé<sup>13</sup>. A personagem tem todos aqueles cansativos estereótipos que foram sempre atribuídos ao longo da história da teledramaturgia brasileira às atrizes negras: empregada fofoqueira, má, implicante, fazedora de intrigas, submissa e fiel às ordens da patroa. Para conferir um desprezo ainda maior à personagem, ela aparece na novela como se não tivesse família e nem relação com outros de seu mesmo pertencimento racial. Além de tudo isso, os maus tratos que Zezé sofre de sua patroa Carminha<sup>14</sup>, que é rica, loira e autoritária, causam mal-estar pela virulência das palavras e a forma velada de racismo e preconceito que ela dispensa no tratamento à empregada doméstica.

Desse modo, tanto em *Amor Eterno amor* quanto em *Avenida Brasil*, os personagens negros não tiveram nenhum destaque mais afirmativo como houve em *Insensato coração* (2011), em que André Gurgel<sup>15</sup> é um verdadeiro conquistador bem sucedido econômica e profissionalmente. Entretanto, há dois estereótipos neste personagem que são reproduzidos de maneira muito carregada: o do negro hipersensualizado; e a conquista do sucesso por esforço próprio. Pois, no argumento de um dos autores<sup>16</sup> da novela *Insensato coração*, “[...] o negro quando quer subir na vida consegue, basta apenas querer e correr atrás” (*Insensato coração*, 2011), reforçando assim o engodo e o mito da meritocracia.

As personagens negras nas telenovelas brasileiras são tratadas de modo fragmentado e estereotipado, como já analisamos neste texto. Somado a isso, a quantidade de atores e atrizes negras no elenco das telenovelas é pouco significativa. Seu número e participação não chegam nem perto do que é sugerido e estabelecido na cota mínima que está no artigo 55 do *Estatuto da Igualdade Racial*, em que fica estabelecida as seguintes diretrizes: “Os filmes e programas veiculados pelas emissoras de televisão deverão apresentar imagens de pessoas afro-brasileiras em proporção não inferior a vinte por cento do número total de atores e figurantes” (PAIM, 2003: p. 24).

## Considerações finais

O estrangeiro que assistir as telenovelas brasileiras, terá, em um primeiro momento, a impressão que no Brasil quase não há negros. Esse quadro reforça o mito da democracia racial nas entranhas da televisão, sobretudo das telenovelas, em que negros são escalados somente para desempenhar papéis secundários, aparentemente felizes, sem conflitos e perfeitamente encaixados nas relações raciais.

Em uma visão mais otimista, a televisão poderia ser capaz de viabilizar uma desconstrução do preconceito racial existente no Brasil. Entretanto, não faz isso porque seus acionistas e patrocinadores, marcados pela mentalidade etnocêntrica e, portanto, racista,

<sup>13</sup> Interpretada pela atriz Cacau Protásio.

<sup>14</sup> Encenada pela atriz Adriana Esteves.

<sup>15</sup> Protagonizado pelo ator Lázaro Ramos.

<sup>16</sup> Esta novela foi escrita pelos autores Gilberto Braga e Ricardo Linhares.

continuam acreditando que o problema das minorias<sup>17</sup> na sociedade brasileira, sobretudo a negra, e sua exclusão, são problemas sociais e não raciais.

Nesse mesmo sentido, a escritora moçambicana Paulina Chiziane<sup>18</sup> em uma entrevista, revelou que em Moçambique “Temos medo do Brasil”. De acordo com o repórter Alex Rodrigues (2012): “Ela se referia aos efeitos da presença, em Moçambique, de igrejas e templos brasileiros e de produtos culturais como as telenovelas que transmitem, na opinião dela, uma falsa imagem do país” (PELENEGRA, 2012).

Ainda segundo Rodrigues (2012), Paulina Chiziane afirma que os moçambicanos veem o Brasil como um país de brancos, e no máximo mestiço. O ex-jogador de futebol Pelé seria a única referência de um negro bem-sucedido no Brasil. Ela ainda crítica o fato de ver nas telenovelas brasileiras, principal meio definidor da imagem do país no exterior, representar os negros como trabalhadores braçais e empregados domésticos, enquanto que os brancos estão no topo das representações sociais. É essa a imagem que o mundo está comprando do Brasil, e aceitando como verdadeira.

A representação limitada e o pouco número de atrizes e atores negros na teledramaturgia brasileira divulgam uma falsa ideia para os países africanos de língua portuguesa, a exemplo de Moçambique, de como são as relações raciais no Brasil.

Assim, também o cineasta negro e norte-americano Spike Lee, que esteve no Brasil no mês de maio de 2012, para dar início à gravação de um documentário sobre o país, relatou ao blog *Observatório do Racismo Virtual*, suas impressões sobre o país. A primeira vez que esteve no Brasil, o cineasta ficou surpreso em saber que os negros são a metade da população, e é justamente também a mais pobre. Segundo ele, quando ligava a TV não via negros. Mas agora, de volta ao país, percebeu algumas mudanças nesse aspecto. Principalmente, porque a novela teve um protagonista negro, o ator Lázaro Ramos, que atuou em *Insensato coração* (2011) e *Lado a lado* (2012).

Spike Lee assevera que se uma pessoa de qualquer parte do mundo, não conhecendo o Brasil, assistir por meio de uma antena parabólica os canais de televisão do país, acabará acreditando que os brasileiros são todos loiros e loiras de olhos azuis.

São essas as impressões, tanto da romancista moçambicana Paulina Chiziane, quanto do cineasta norte-americano Spike Lee, que a teledramaturgia e a televisão brasileira, de modo geral, causam ao exportar as suas produções audiovisuais.

Já os estudos e as pesquisas de Joel Zito Araújo (2004), sobre a telenovela brasileira realizados principalmente no período que compreende os anos 1963 a 1997, demonstram que houve avanços na participação e representação dos negros nessas produções desde seu surgimento na televisão brasileira. Contudo, mesmo o negro aparecendo em papéis não tão estereotipados nas tramas das novelas nos dias de hoje, a sua presença, mesmo que escassa, ainda não retrata nem de longe o contingente real da população negra brasileira. Mas ocorre justamente o contrário, o ostensivo destaque aos personagens brancos acaba desencadeando, na população geral, o ideário e o desejo de ter a aparência branqueada, para obter sucesso e ser mais bem aceito socialmente.

<sup>17</sup> Estamos usando esta noção em um sentido sociológico.

<sup>18</sup> Reportagem realizada para o blog Pele Negra, pelo repórter Alex Rodrigues, da Agência Brasil, em abril de 2012, sobre o seminário – A Literatura Africana Contemporânea, em Brasília-DF.

Infelizmente as telenovelas têm muito ainda que avançar nesta questão racial. Pois, precisam superar o discurso subjacente da democracia racial inerente em sua estrutura e narrativas, ao apresentar o negro sempre como um serviçal obediente, amigo fiel do patrão, do senhor de engenho benevolente, e do herói branco de sua libertação da condição de escravizado, e que por isso lhe é grato eternamente.

Por outro lado, as emissoras das telenovelas devem conferir ao ator negro e a atriz negra personagens de maior protagonismo, e também, não devem se esquecer de aumentar o número de negros na trama novelística. Esta atitude poderia demonstrar que o Brasil é constituído realmente por uma maioria negra, sendo um dos países com o maior contingente negro fora da África. Apesar disso, no imaginário brasileiro, o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento, procuram disfarçar, silenciar e esconder a riqueza da cultura negra existente no Brasil. Esta riqueza é uma das principais forças, encanto e beleza da sociedade brasileira, que está expressa de forma tão minguada nas telenovelas.

### Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Sociologia**. Org. Grabriel Cohn. São Paulo: Ática, 1986.

**AMOR ETERNO AMOR**. Disponível em: <<http://tvg.globo.com/novelas/amor-eterno-amor/personagens/>>\_Acessado em 21/07/2012

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

\_\_\_\_\_. O negro na dramaturgia, um caso exemplar de decadência do mito da democracia racial no Brasil. Casa de Criação Cinema e Propaganda. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 2008. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16.pdf)>\_ Acessado em 14/03/2012

\_\_\_\_\_. A força de um desejo – a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. **Revista USP**, São Paulo, n. 69, p. 72-79, março/maio 2006. Disponível em: <[www.usp.br/revistausp/69/07-joelzitopdf](http://www.usp.br/revistausp/69/07-joelzitopdf)>\_ Acessado em 31/05/2012.

**AVENIDA BRASIL**. Disponível em: <<http://tvg.globo.com/novelas/avenida-brasil/personagens/>>\_Acessado em: 14/08/2012.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

\_\_\_\_\_. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

COSTA, Cândida Soares da. **Reminiscências Africanas no Português do Brasil.**/Candida Soares da Costa. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

**EDUCAÇÃO E DIFERENÇA:** os desafios da Lei 10.639/2003. (orgs.) Maria Lúcia Rodrigues Müller, Angela Maria dos Santos, Vanda Lúcia Sá Gonçalves, Cândida Soares da Costa. Cuiabá: EdUFMT, 2009.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia.** São Paulo: Ed. 34, 2002.

\_\_\_\_\_. **Preconceito e discriminação.** São Paulo: Ed. 34, 2004.

\_\_\_\_\_. **Racismo e antirracismo no Brasil.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

\_\_\_\_\_. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 93-107, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a08v29n1.pdf>>\_ Acessado em: 26/06/2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOFBAUER, Andreas. O conceito de “raça” e o ideário do “branqueamento” no século XIX – Bases ideológicas do racismo brasileiro. **Teoria e pesquisa** 42 e 43 junho – julho de 2003. Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/57/47>>\_Acessado em 22/06/2012.

\_\_\_\_\_. **Branqueamento e democracia racial:** sobre as entranhas do racismo no Brasil. Disponível em: <[http://andreashofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial\\_finalc3adssima\\_2011.pdf](http://andreashofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial_finalc3adssima_2011.pdf)>\_Acesso em: 26/06/2012.

HORKHEIMAR, Max. ADORNO, W. Theodor. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

**INSENSATO CORAÇÃO.** Disponível em: <<http://tv.globo.com/novelas/insensato-coracao/Bastidores/noticia/2011/03/milton-goncalves-entra-em-insensato-como-gregorio-o-pai-alcoolatra-de-andre.html>>\_Acesso em: 23/06/2012.

JESUS, Lori Hack de. CASTRO, Edmara da Costa. **Construção Social da Ideia de Raça.** Cuiabá: EdUFMT, 2011.

\_\_\_\_\_. **Construção Social da Ideia de Raça e as Diferentes formas de Classifica-**

**ção Racial no Brasil**. 2. ed. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. **Pensamento Social Brasileiro e a Construção do Racismo**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pensamento Social Brasileiro e a Construção do Racismo**. 2. ed. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

\_\_\_\_\_. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social revista de sociologia da USP**, v. 19, n.1. Nov. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>>\_Acessado em 29/06/2011.

**NOVELAS BRASILEIRAS PASSAM IMAGEM DE PAÍS BRANCO, CRITICA ESCRITORA MOÇAMBICANA**. Disponível em: <<http://pelenegra.blogspot.com.br/2012/04/novelas-brasileiras-passam-imagem-de.html>>\_Acessado em 17/08/2012.

**NOVO DOCUMENTÁRIO DE SPIKE LEE RETRATA O BRASIL SOB ÓTICA RACIAL**. Disponível em: <<http://observatoriodoracismovirtual.blogspot.com.br/>>\_Acessado em 17/08/2012.

PAIM, Senador Paulo. **Estatuto da igualdade Racial**. Senado Federal. Brasília, 2003.

**RESUMO DOS CAPÍTULOS DE ARAGUAIA**. Disponível em: <<http://www.clickgratis.com.br/novelas/globo/araguaia/#ixzz1ydCge6A3>>\_Acesso em: 23/06/2012.

SANTOS, Ângela Maria dos. **Identidade e Cultura Afro-Brasileira**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é Racismo**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TEIXEIRA, Moema de Poli. **Relações Raciais na Sociedade Brasileira**. Cuiabá: EdUFMT, 2011.